

Compareça às
nossas TESES!
(confira dia e
hora na p. 7)

Porandubas

Porã'duba: "causo", informação (em língua tupi)



94

Jornal da Comunidade Universitária — PUCSP — Ano IX — 27/Março/1985

Qual E Será Tamen

Constituinte antes que seja tarde é um anseio que tomou conta do país. Neste sentido, a PUC foi procurada para articular a movimentação em contato com outras entidades da área acadêmica.

Além disso, a Reitoria pretende que se faça junto à nossa população universitária tudo aquilo que nossa criatividade for capaz de inventar. Já foram feitas algumas reuniões em que se falou de um grande seminário, da elaboração de cartilhas promoção de cursos especiais, um plebiscito interno, a produção de vídeos e jornais, etc.

O Reitor, prof. Wanderley, está pessoalmente envolvido na Campanha e pretende nomear uma Comissão Executiva de 5 pessoas, além de um Conselho maior. Interessados, procurem ramal 280.



As matérias desta edição foram se sucedendo e quando nos demos conta, parece que o jornal tinha um tema pré-determinado. Alguma filosofia, menos vã que a nossa, talvez possa explicar essas coincidências da vida. O fato é que esta edição traz um painel da situação educacional de hoje, em vários de seus aspectos: O "Pacto do silêncio", pág. 3, uma referência bastante elucidativa à herança que os anos 60 nos legaram; meio do jornal, pág. 4 e 5, "Qualé a da Reitoria", com as propostas da nova direção da PUC e os problemas que ela está enfrentando; completando o painel, temos a "Nossa República", pág. 6, enfocando as entidades representativas de nossos professores, alunos e funcionários.

Sem a menor pretensão de dar conta da abrangência do tema, cremos ter levantado algumas pistas e indicações para a resposta que todos queremos dar aos Novos Tempos que pretendemos, de fato, instalados.

Saudade



Faleceu dia 23/3 o funcionário da Contadoria Agostinho Martins, que fora internado por leucemia. A missa de 7º dia será dia 29 às 12h na Capela. A tristeza de seu falecimento se junta à perda dos professores José Roberto Malufe, no dia 16/2 (ver matéria na pág. 3) e Fernando Antônio de Souza Campos, falecido a 4/3. A propósito: "Prof. Fernando: amigo é coisa pra se guardar. Esteja onde estiver. Um beijo de seus amigos" S.L., B., M.H. e J.



Calouro

Este jornal, que você vê pela 2ª vez, pretende ser o jornal de todos os setores e segmentos da PUC. Seu também, portanto. Ele sai a cada 15 dias (fininho de 4 páginas e grossinho de 8 páginas, alternadamente), com a "tiragem monstro" de 15 mil exemplares. Já estamos em nosso 9º ano de vida e estamos às ordens pelo ramal 227 ou na redação (sala 26, sub-solo do Prédio Novo). Apareça!

"É hoje" Já Era?

Ano passado nossa equipe produziu 100 edições de um munal quase diário, que agilizava a informação no campus. Contudo, sua publicação está suspensa enquanto aguardamos resultado de estudos solicitados junto à instituição sobre a situação funcional dos jornalistas que aqui trabalham.

Estágios

- 1- FEPASA: vagas para penúltimo ano de História, Direito, Letras, Matemática (estatística). Falar c/ Ana Mª ou Adriana, 826.0311 r.528 e 597.
- 2- CARBOCLORO: Sociologia e Psicologia (treinamento). Falar c/ Carlos Alberto (0132) 61.3511, r.255 (oferece-se condução e outras vantagens).
- 3- SIDI: Secretária Executiva Bilingue. Falar c/ Luiza, tel. 285-6513
- CORREÇÃO: O ramal do Escritório de Estágios é 328 e não o número que saiu na edição anterior. Podem usar.
- 4- GRUPO FENICIA: Aux. Contábil (2 anos exp.); Aux. Pessoal (2 anos exp.); Estagiários: Administração / Eco / Contábeis (3º e 4º ano). Interessados comparecer à R. Sergipe, 475 - 4º and. sala 406 - falar com Ana ou Sonia.

Negocial

Dia 20/3 os professores se reuniram em Assembléia Geral Extraordinária, convocada pela APROPUC. Ficou decidido que:

- Negociação conjunta do Acordo Interno com os salários
- INPC integral, mais produtividade de 64 mais reposição das perdas salariais a partir de 1971 e reajustes trimestrais.
- Cláusulas suplementares: salários até o 5º dia útil (como manda a lei); vale de 50% a partir do dia 15; melhores condições de trabalho e recursos didáticos; gratuidade no Pós; direitos integrais dos substitutos; licença remunerada em caso de doença grave de filhos e cônjuges; direitos garantidos de professores aposentados que retornem ao trabalho; estacionamento gratuito.

A Assembléia manifestou desejo de uma primeira reunião muito próxima, sendo data-limite dia 26/3. Assim para 27/3 estão convocadas Assembléias Gerais Extraordinárias. Os professores ainda informam que o não-atendimento das reivindicações "poderia obrigar a aprovação do encaminamento de greve geral".

Cooporaal

VOCE gosta de cantar? Quer virar a mesa para uma vida menos cinzenta? Pois participe do CUCA, o coral da PUC, que há 11 anos enche nossas vidas de colorido. Pois o maestro Renato Teixeira... Lopes tem vagas para os (as) interessados (as). A seleção vai ser sábado, dia 30/03, as 14 hs ali no corredor entre a r. Monte Alegre e Cardoso de Almeida (perto do jornaleiro). Mais informações com Lea, 570.6256. É preciso darmos uma força para o nosso Coral, que funciona na base do heroísmo. Isto fica claro quando se sabe que o CORALUSP tem 9 corais, havendo mais uns 10 de setores específicos e a UNICAMP tem uns 8 corais. (Reitoria Nova, novas idéias: que tal a gente dar um pouco mais de apoio àqueles que são verdadeiros embaixadores da PUC?)

EDUCAÇÃO 60 ANOS

Ivani Catarina Arantes Fazenda. Março de 1985.

O PACTO DO SILÊNCIO

Fala-se muito em pacto — é palavra da moda — mas, sobretudo é palavra que compromete...

Em nossa pesquisa nos preocupamos em desvendar qual o pacto assinado em educação nos anos 60, o que conduziu a educação ao estado em que ainda se encontra. O pacto do silêncio a que nos referimos, apesar de vir sendo preparado anos atrás, ocorreu a partir de um momento histórico definido - agosto de 1961 - época da assinatura da carta de Punta del Este - na qual, sob a liderança dos Estados Unidos, os Estados americanos engajavam-se no que se denominou "vasto esforço para trazer um melhor padrão de vida para todos os povos do continente". Os Estados Unidos comprometeram-se a contribuir com aproximadamente 20 bilhões de dólares para financiamento externo no prazo de 10 anos e a América Latina incumbiu-se de providenciar o financiamento interno e propor as reformas requeridas em vários setores, inclusive Educação, de acordo com os objetivos da Aliança.

Para a área Educação foi criado o CIES (Conselho Interamericano Econômico e Social) com a finalidade de fiscalizar em que medida o pacto ia sendo cumprido...

Foi com a intenção de desvendar mistérios velados a respeito das reformas educacionais ocorridas na década, que efetuei um passeio pela situação educacional e política de 60 a 79, incluindo uma retrospectiva dos anos 20 a 60, retomando documentos (muitas vezes) difíceis de encontrar (tais como os relatórios do CIES) até artigos dos jornais de maior circulação da época.

Algumas das indagações que procuro responder, referem-se a aspectos tais como:

— de que forma as implicações econômico-políticas foram as determinantes da situação educacional nos anos 60?

— quais os artifícios de que o governo se serviu para calar as vozes e consciências dos educadores e estudantes na época?

— em que medida o projeto educacional na década de 60 esteve atrelado aos interesses das multinacionais?

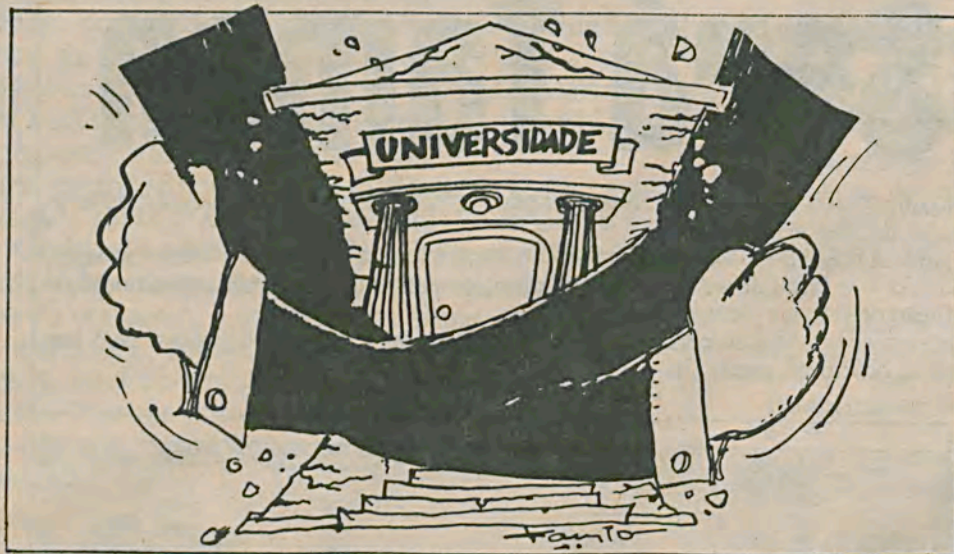
— como o Congresso Nacional agiu na tramitação da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus?

— de que forma a palavra dos educadores chegava até o povo?

— os educadores foram omissos à proposta reformadora?

COLONIALISMO E REPRESSÃO

Todos sabemos no período 60-70, com a hegemonia absoluta do Poder Executivo sobre o Legislativo e a mudança da Constituição, todos os setores da política nacional foram traba-



lhados no sentido de consolidar e aperfeiçoar o status-quo econômico-político brasileiro. Em Educação, os meios de que o Estado se serviu para assegurar essa hegemonia foram desde a criação do Conselho Federal de Educação, em 1962, à vinculação a organismos estrangeiros UNESCO, OEA, FAO, OIT, à atuação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), alicerçando-se sobretudo nos compromissos da Carta de Punta del Este, responsável pela assinatura de uma série de acordos entre o MEC e a AID.

Além do colonialismo científico por que passou o País nos anos 60-70, de toda uma vigilância manifesta das potências estrangeiras através do Projeto Camelot e dos CIES, intencionalmente foram elaborados diagnósticos e previsões parciais nos Planos Nacionais de Desenvolvimento construídos para atender e camuflar as exigências do modelo, ludibriando com números fictícios a boa fé dos que se interessavam por educação, a exemplo disto, a denominada "Operação-Escola", de 1968.

É nesse clima de impedimento de execução de uma educação brasileira por brasileiros, que eclodem os movimentos estudantis, chamados à política governamental, a chamada "Crise estudantil" e "caça" aos docentes, iniciada com a extinção da UNE em outubro de 64, do AI nº 5 de 13/12/68 ao decreto Lei 477 de fevereiro de 1969 que aplicava-se a todo o corpo docente, discente e administrativo das escolas, proibindo qualquer manifestação de caráter político ou de protesto no âmbito das universidades.

Esse aparato governamental construído pela ditadura nessa década é muito mais sólido do que se possa imaginar, pois em sua construção foram utilizados os artifícios mais sutis, sendo que o mais eficaz de todos foi o uso de uma linguagem tecnicamente impecável, elaborada por nomes de notório e inquestionável saber. Nomes como Arlindo Lopes Correa (dirigente do MOBRAF), Jayme Abreu (pertencente ao 1º Grupo de Trabalho da Reforma de 1º e 2º graus), Carlos Flexa Ribeiro, e muitos outros, filiavam-se diretamente ao Ipes - fábrica de ideologia, sob a proteção da legalidade - toda essa ideologia veiculada

no Ipes, e Ibad já houvera entretanto sido trabalhada pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que no momento em que passou a ser uma ameaça ao governo, foi extinto (13/04/1964).

O PODER DA PALAVRA

Entretanto esse aparato construído pedra a pedra, foi gradativamente calando as vozes e consciências dos educadores e estudantes, tendo o uso da palavra um valor inestimável nesse processo. Exemplo disto, a magnífica exposição de motivos do então Ministro da Educação Jarbas Passarinho para elucidar os princípios da Reforma de 1º e 2º graus - impecável construção de palavras que procurou tornar real o apenas nomeado de retórica impecável. Foram utilizados desde os recursos de uma lógica formal que indicava o processo em suas causas e conseqüências, aos de uma lógica dialética que afirmava, negava para voltar a afirmar, ao uso de metáforas ardilosamente elaboradas.

Em contraposição ao jargão obsoleto de alguns educadores não-cassados, a força dessa palavra pronunciada pelos Grupos de Trabalho das Reformas Educacionais foi tão grande e revestida de tal autoridade e autonomia que inclusive tornou vazias de sentido as palavras pronunciadas nas discussões do Congresso, mesmo no caso em que provinham da ARENA - partido que detinha a maioria na Comissão Mista que examinou o Projeto de Lei da Reforma de 1º e 2º graus.

A mesma situação ocorrida no Congresso, refletia-se nos editoriais dos jornais da época - os órgãos superiores como o Conselho Federal de Educação indicando as diretrizes de uma política educacional já estruturada e o eco das vozes dos educadores não-cassados, mais preocupados em compreendê-la e em decodificá-la, nunca questionando-a enquanto a preocupação com a política educacional não se fazia presente. Os editoriais afirmavam: - é necessário conhecer melhor Montessori, adentrar no espírito de Summerhill, aplicar as estruturas definidas por Piaget...

As condições de vida do povo são precárias, mas, a causa do fracasso



Ivani Fazenda (Profª Centro Educação)

escolar não está nelas, e sim num sistema educacional que elitiza... Os problemas maiores da educação estão nos números e os números revelam que é alta a taxa de reprovação, portanto, é necessário que essa taxa baixe a qualquer custo - é preciso que se trabalhem os números, as estatísticas, pois o "pacto assumido" foi o de baixar as taxas de reprovação, evasão, analfabetismo e de ampliar o número de matrículas, achatando o funilamento da pirâmide educacional. É preciso que haja mão-de-obra disponível para que esses empreendimentos floresçam. Toda proposta reformista que fugisse aos padrões do "pacto" (por exemplo a proposta pela Secretaria de Educação de São Paulo) era imediatamente dilapidada e solopada... O cidadão precisava enfim converter-se somente em operário (aquele a quem nada mais resta do que sua força de trabalho).

SAIR DO NINHO

Uma última constatação obtida com essa pesquisa, foi a de perceber que naquele momento, o educador "pairou em seu ninho", ou porque não tinha onde se ancorar, ou porque teve medo das represálias, ou por estar habituado a um discurso vazio, à inexperiência política, ou por ter sua consciência entorpecida pelo perfume das metodologias e técnicas estrangeiras.

A hora é no momento, antes que lamentar pelo leite derramado, de "colocar a chaleira em fogo alto e fazer a água ferver.. (1) - momento não é para atacarmos apenas com palavras, mas, com ação. Ação como? Re-ativando com mais intensidade os debates interrompidos através das "caçações" e extinções de entidades de classe, re-ancorando ou reconduzindo os educadores aos seus "nichos", que nos anos 60 foram desfeitos. É hora de voltar a ouvir as vozes dos estudantes, ampliando com eles o debate, de aprender com essa força nova que vem surgindo, passando um pouco de nosso respaldo teórico e acadêmico, mas, sobretudo passando essa tocha que voltamos a reacender e que precisa continuar iluminando...

Espero com este meu depoimento poder relembrar ao leitor de que em educação, passa o momento dos fatos, mas os efeitos deste se projetam adiante... "que o feijão não comido hoje, não será comido jamais" (2).

(1) F. Fernandes — PORANDUBAS 12/3/85 - Tancredo Sim ou Não
2) L. E. Wanderley - PORANDUBAS 12/3/85.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984 — cep. 05014
Tel. 263.0211 ramal 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro (M. Tb. 11.650)

Edison Mendes de Almeida (M. Tb. 15.237)

Roberto C. Barreiro Fº (M. Tb. 3.038)

Diagramação: Mauro Laguna
Composto e Impresso: Editora AFA

UM CERTO SENHOR MAUF

Antônio Jordão Netto
(Prof. Ci. Sociais)

Idos de 68/69, anos duros da maior repressão. A PUC de São Paulo delineava-se como um dos principais focos nacionais de resistência e justamente por isso era visada pela ditadura. A comunidade universitária vivia em constantes sobresaltos, especialmente a área de Ciências Sociais, curso tido como de esquerda, a maioria sendo taxada de comunista, terrível etiqueta para a época.

Vinha-se para o campus Monte Alegre com o temor cotidiano, de encontrar suas portas fechadas ou de presenciar detenções. A boataria corria solta e a insegurança era uma constante. Um dia chega um telegrama do Serviço de Segurança do MEC, dirigido ao Reitor, ordenando abertura de inquérito sobre o comportamento político de professores e funcionários, citados nominalmente. No rol dos suspeitos, "um certo senhor Mauf", que ninguém sabia quem fosse. Seria o codinome de algum temível terrorista? Que é, quem não é, a especulação era medonha. No meio do bochicho, um jovem professor recém-iniciado na carreira, resolveu assumir a identidade do estranho personagem: "Não sei não, gente, mas tenho a impressão que o tal "senhor Mauf" sou eu, porque o meu nome é o que mais se assemelha. Não tenho nada a temer, mas por via das dúvidas vou me apresentar aos "home" para esclarecer tudo".

Esse jovem e corajoso professor era José Roberto Malufe.

Apesar das acusações vagas e inconsistentes, foi formada a comissão de inqué-



Roberto Freire, Silnei Siqueira e Malufe, 1966

rito. Mas não se provou coisa alguma contra ninguém e o inquérito deu em nada. Todavia o episódio nos marcou a todos e, passado o susto, foi motivo de pilhérias.

Sempre tive muito orgulho de haver introduzido José Roberto na PUC, ele que fora um brilhante e ativo aluno de Ciências Sociais e mais tarde meu assistente. Além de inteligente e capaz, ele tinha a humildade e dignidade dos verdadeiros intelectuais, além de um grande caráter e uma afabilidade no trato com as pessoas, que eram marcas registradas de

sua personalidade. Junto com Anita, uma psicóloga também minha ex-aluna, formava um casal bonito e divertido.

Eram repetidos nossos encontros, tanto nos corredores da PUC, ("como vai, Senhor Mauf?") como intelectualmente através do interesse comum pela obra de Erving Goffman. Em maio de 84 ele participaria a meu convite de uma mesa-redonda sobre a questão da "Velhice e Identidade Social". Horas antes, tive o primeiro choque. Malufe me ligava do Hosp. Sírio-Libanês, internado por ordem médica: "Ninguém sabe direito

qual é meu problema. Por ironia parece que estou com alguma coisa parecida com debilidade senil, falta de resistência orgânica que é própria dos velhos".

Achei estranhíssimo aquilo, pois ignorava que ele tivesse problema de saúde. Fiz-lhe novo convite para um curso de extensão. Após adiamentos, ele fez questão de comparecer: "tô precisando sair de casa desencucar um pouco. Acho que esse contato com o pessoal vai me fazer bem". Ao vê-lo apoiado numa bengala, arrastando-se, me arrependi do convite. Mas ele insistiu: sentado, voz sumida, ele discutiu suas idéias com os presentes, falou de projetos futuros. Magnífica aula, sua última aula. Em novembro soube do agravamento de seu estado de saúde.

Dia 18 de fevereiro último, sábado de carnaval, ele se foi, como que numa alegórica tentativa de jamais emprestar tristeza a qualquer momento de sua existência curta e profícua.

Aqui, quero apenas recordar como foi bonita, efêmera e fértil sua vida. Quero unicamente lembrar com muito carinho e afeto de um querido ex-aluno, de um grande colaborador, de um estupendo e honesto intelectual, de um colega solidário de todas as horas. Acima de tudo, quero guardar a imagem imorredoura de um ser humano que, mais do que saudade, deixou em todos nós a belíssima sensação de termos tido o privilégio de conhecê-lo na sua rápida passagem por este mundo. Até um dia, Senhor Mauf!

CARTAS

Todas as cartas têm direito a resposta dos destinatários e a eles são encaminhadas por nossa redação.

SEMANA DE CALOUROS (1)

Prezado Jorge Cláudio,

Gostaria que fossem corrigidas algumas palavras trocadas no meu texto, publicado no Porandubas de 12.03.85, que alteram o sentido:

1º Parágrafo, onde está: "A figura do presidente é modificada..." trocar por: "A figura do presidente é mitificada..."

2º Parágrafo, 1ª linha, onde está "Inicialmente, constando..." trocar por: "Inicialmente, constatando..."

4º parágrafo, linha 8ª em diante: repetição que dificulta perceber a sequência.

Em tempo, não gostei da manchete da 1ª página "Trote violento". Mesmo considerando relevante o mérito da questão, parece-me que a maneira de abordá-lo não foi feliz. E não há ao menos uma referência à Semana de Calouros, na qual se fez um enorme esforço para dar um sentido diferente ao trote, com a colaboração dos estudantes e do VRACOM, e que teve momentos bastantes significativos. Penso que é possível ainda recuperar, com alguma matéria no próximo número.

Cordiais saudações
Luiz Eduardo W. Wanderley
reitor

SEMANA DE CALOUROS (2)

Resposta da Redação: É por dever de ofício que nos cabe transmitir informações nem sempre agradáveis para todos. A matéria "Trote Violento" foi motivada pela enxurrada de reclamações por nós presenciada, o que demonstra haver ali um problema REAL (não é nossa interpretação). Além disso, a dita matéria mereceu aplausos de inúmeros dentre nossos leitores. Quanto à Semana de Calouros,

ela ainda estava em andamento quando fechávamos a edição anterior e por isso não foi possível noticiá-la. Fazemos isto agora, através de matérias de nossos colaboradores. De fato, foram insistentemente mencionados como pontos altos: a apresentação da Escola de Samba "Águla de Ouro" (5ª f. à noite) e o baile no (re-descoberto) Pátio da Cruz, na 6ª f. Ver ainda a matéria sobre o grupo "brasileirinho" (tudo nas "Curtas")

Quanto ao resto da semana, somos obrigados a informar que, embora a proposta fosse inteligente, não atingiu de forma alguma os objetivos de aglutinação, pelo contrário. Vide os relatórios das disciplinas comuns do Básico, fundamentados inclusive no testemunho geral dos estudantes.

Com os protestos de consideração e estima,

A equipe do PORANDUBAS.

A BRONCA DA SEGURANÇA

Há um ano que nós mandamos uma carta pelo Protocolo para que encaminhasse à Reitoria a fim de tomar providências quanto ao nosso salário. A té agora não falaram nada sobre nossos problemas. Agora vamos lembrar nossa necessidade. Só o nosso setor de trabalho aumentou, mas não é isso que importa. Vamos seguir a norma de Vice-Reitor, tirando os vendedores, tirando os moleques, de dentro da PUC. MAS para isso nós precisamos de apoio e não temos apoio de ninguém.

A isto se soma o problema de nosso salário que é de fome: trabalhamos de domingo a domingo, temos uma folga por semana e ganhamos menos que um servente de pedreiro. Nós temos muita dor de cabeça e só tem piorado porque só tem maconheiro e ladrão roubando todos os dias dentro da Universidade. Queremos o salário pelo menos igual ao dos porteiros. Senhor Vice-Reitor, tenha pena dos

seguranças que vivem dentro do patrimônio de domingo a domingo.

José Tiburcio 14/12/1984

A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS RICOS

Tenho pra mim que a banca de livros do Amaral, que ficava ali, ao lado do Cacs, está tão fincada no cotidiano da Puc, quanto a estátua de Pio XII. E, se não com tanto garbo, com mais serventia: a comunidade pode comprar livros com desconto de até 50% do preço do mercado, pode comprar com cheque pré-datado, vende fiado, etc. Bem, se os abonados da Puc nada tem a perder com a ausência do Amaral, existe uma legião de necessitados que estão prontos para, mobilizados, reivindicar o retorno da banca de livros ao lugar de origem.

Desconheço de quem é a (ir)responsabilidade pela decisão. Sei apenas que a decisão conta, se não com a consciência, mas com a omissão do pessoal da diretoria do Cacs.

Amaral tem serviços prestados à comunidade - e não só no que se refere com a venda de livros a preços módicos. No último crime cometido contra o Tuca, ele foi testemunha no inquérito policial, voluntariamente, quando muita gente aqui conhecida por suas posições políticas progressistas se isentou da responsabilidade, mesmo estando presente na Puc no dia da ocorrência criminosa - inclusive, este que escreve. Desconfio que tal decisão coloque Amaral na condição de bode expiatório de nossa impotência diante da desapuração do incêndio criminoso. Tudo é possível. Quando decisões são tomadas em pleno recessos escolar e sem esclarecimentos públicos, qualquer especulação é pertinente.

É aquele velho papo: primeiro foi ele; como ele não era eu, me calei; e quando chegar a minha vez já não há ninguém do quem exigir solidariedade. Pois é. O risco é de que, com a nova administração, a Puc, feito uma madelaine proustiana, retorne às suas origens burguesas e defenestre do seu meio os menos abonados. Ou seja: a opção preferencial pelos ricos.

Agamenon - Jornalismo-Noturno.

VIUVICE EM TORNO DO TUCA

Não está em discussão a obra de Benedito Calixto, responsável pela construção do TUCA. Destaco, no entanto, em sua obra, Igrejas, que marcam a história da arquitetura no Estado de São Paulo. Pelo uso que foi feito do TUCA, reconstruí-lo tal qual, parece-me, seria viúvice, falta de imaginação, repetição da farsa Pátio-do-Colégio.

O TUCA, insisto, pelo uso, mais do que Areópago do grande estrelato artístico, acadêmico, político, tornou-se Ágora, praça, lugar privilegiado do exercício paulistano da cidadania em determinado momento. Outras alternativas têm surgido, porém o TUCA serve de marco aos repúblicos desta cidade.

Se esta história é verdadeira, que se inscreva em novo projeto. A assinatura de Oscar Niemeyer é, artisticamente, de significação indiscutível: a horizontalidade de seus traços vai na direção proposta. E, convenhamos, para a realização de um projeto seu, contribuições não apenas no âmbito estadual, como nacional e internacional seriam mais facilmente conseguidas segundo a hipótese que levantamos. ao mesmo tempo garantiríamos a Niemeyer que o equívoco COPAN não se reproduziria.

E por último: o debate na PUC se tornou disperso, ruidoso, caótico. Os corredores estão tumultuados. Que a tão exageradamente proclamada democracia na PUC encontre arquitetura de Ágora. Os corredores têm se mostrado enganosos. neles afogamos veleidades em nossos manjados cochichos democráticos.

Prof. Paulo-Edgar A. Resende (Ci.Sociais)

VOTOS

Enviaram votos de um santo Natal e próspero Ano Novo, ao Porandubas e (consequentemente) à PUC: Carlito Maia ("que em 1985 os jovens não sejam frustrados primeiro, logrados depois e desesprimados finalmente. Bom ano jovem, feliz mundo novo. Beijares e abraçares"); Homero "Tatu"; Nene Valdemir (Gráfica e edro (Aimoxarifado); Jacira Del Corso; SIMPRO-MG; Centro Convenções Reboucas; Salles Interamericana; Fotóptica, Banespa; Ireda Cardoso; CIE-E e mais você!. Gratos a todos.

Qual É

ENTREVISTA

Por pouco esta entrevista não virava uma assembléia. De um lado a Reitoria completa: Luiz Wanderley (R Casali (Vice-Reitor Administrativo), Guido Mantega (VRAD- adjunto), Antônio Chizzotti (Vice-Reitor Comunitário) e do outro lado, a equipe do PORANDUBAS (Jorge, Edison e Roberto) e mais os convidados: Rocha (funcionário), Lúcia H. Presente também VOCÊ, que nos mandou perguntas (vide box): algumas foram respondidas e o restante SELO-A! A lista est

Jorge: A gente começa a ver proliferarem Grupos de Trabalho, Grupos de Apoio, com o aval da Reitoria. Como fica: "Governar com a Comunidade" ou "Governar com os Colegiados"? Como combinar criatividade com legalidade?

Wanderley: Os colegiados pertencem à comunidade, embora precisemos ainda ir mais a fundo para saber o que é comunidade universitária. Na época da campanha, ao defender a idéia da utilização de canais não-convencionais eu pensava na comunidade universitária real. A dificuldade é que a massa é mais ou menos passiva e pouco disposta a enfrentar seus problemas. Além disso, existe uma falta de responsabilidade de assumir decisões, que acaba impregnando os setores. O indivíduo não sabe bem como ou quando participar numa estrutura cristalizada, pesada. Quando surgem coisas inovadoras, dá-se um clarão e se pergunta a forma de conciliar esta criatividade latente com a estrutura que existe.

Para isto há vários meios. Por exemplo, se as entidades vão bem, muita coisa na Universidade vai funcionar bem. Olhando ainda superficialmente, percebo que os funcionários estão mais mobilizados enquanto outros setores estão sem incentivo, sem grandes perspectivas.

Quando se fala em colegiados é preciso redefinir o significado da representação neles. Até hoje não se discutiu se a representação estudantil deve ser feita pelo DCE e CAS ou a partir das salas de aula. Isto deve ser amplamente debatido.

Cadê os Estudantes?

Edison: A Reitoria estaria interessada em aumentar a participação de estudantes?

Wanderley: Evidente.

Edison: Até hoje a estrutura tem tido uma posição paternalista às avessas, não querendo se meter na organização dos estudantes. Pois bem: a não-participação dos estudantes é problema ou uma solução?

Juarez: Gostaria de perguntar junto. Como a Reitoria pensa a paridade nos colegiados e sobretudo no CEPE e Cons. Universitário?

Wanderley: Nós temos tomado iniciativas setoriais. Quando surgem problemas concretos, como a creche ou outros setores, nós temos uma discussão direta com o setor. Isto não é quebra de estrutura mas uma forma de agilizar decisões junto aos interessados.

Outra coisa é a discussão dos próprios colegiados dentro do Novo Estatuto, cujo debate precisaremos retomar em breve. E preciso ver como vai o estudo daquele documento a nível federal e também a nível interno, revendo a dinâmica daquela "constituinte interna". Creio que a discussão do Novo Estatuto deve ser feita junto com a reflexão sobre a Assembléia Nacional Constituinte, para termos uma nova estrutura na PUC ligada ao momento histórico do Brasil.

Este movimento pela Assembléia Nacional Constituinte já começou na PUC. A Reitoria já levantou sugestões para debates como "O Movimento Estudantil e a Problemática Nacional", ou "O M.E. e a Constituinte". Nesses debates a PUC deveria se envolver nas salas, nas coordenações, junto aos funcionários, etc.

Na semana passada tentamos um diálogo com as Diretorias dos Centros Acadêmicos, que não funcionou muito bem. Tais grupos têm uma preocupação muito corporativa e é preciso descobriremos uma política para toda a PUC: ela é viável como Instituição? Embora as reivindicações devam continuar existindo, uma discussão com os 3 segmentos leva a questão mais a fundo.

Jorge: Voltemos à questão inicial. Por que o estudante tem participado pouco?

Alípio: Creio que aconteceu a "dissipação do inimigo...", tanto no plano da sociedade como na PUC. Parece que a oposição foi mais combativa quando havia menos espaço. Quando os salários atrasavam é que a Associação dos Professores foi mais combativa: tinha-se um objetivo mais claro de luta. No momento de construir, encontra-se maior dificuldade.

Carmelita: A direção da faculdade de Serviço Social propôs a paridade. Contudo este espaço não foi ocupado. Por que? Corremos o perigo de nos antecipar, de cooptar uma participação que não foi conquista mas outorga.

Jorge: Peço vênia para levantar uma questão

materialista a este respeito. Na elaboração do Novo Estatuto, os estudantes participaram o tempo todo. Creio que foi em parte devido a uma valorização profissional por parte da PUC, que deu um jeton para quem participou. Nos outros colegiados, professores e funcionários aparecem porque estão no seu horário de trabalho, enquanto que se espera do estudante uma participação voluntária, que só ocorre em momentos específicos.

Rocha: Penso que a participação dos funcionários é maior no Cons. Admín. Finanças e no Cons. Comunitário. O funcionário vai lá para pressionar, para fazer número, sabendo que efetivamente pouco pode resolver.

Chizzotti: Quero fazer a radioscopia do CECOM onde percebo uma participação significativa de funcionários e alunos. Creio que a atual conjuntura traz duas direções para as preocupações do aluno: primeiro, voltada para as questões mais amplas da sociedade; depois, as questões internas, que estão meio relegadas já que o estudante encontrou outros espaços de atuação. Mas os conselhos têm uma certa dinâmica, que deveria ser aperfeiçoada, capaz de levantar questões mais concretas que se tornam decisões gerais, congressuais, tomadas em conselhos superiores como o CEPE (Cons. Ensino e Pesquisa) e no CONSUN.

Alípio: No CAF e no CECOM o estudante trata de questões mais imediatas ao passo que no CONSUN elas são muito mais distantes, referentes à política acadêmica e que exigem uma presença de mais longo alcance.

Roberto: Mas tem também a questão da quantidade de participantes. No CONSUN (Cons. Universitário) só há 2 representantes dos funcionários.

Silvia Lane: No CEPE observo que os 3 ou 4 representantes dos alunos se absterem em votações sobre questões que não lhes dizem respeito diretamente, embora tenham até contribuído na sua discussão. Já no CECOM, eles conhecem a problemática. Será que no CEPE e no CONSUN não se está tratando de questões muito amplas que ele não tem tempo de se inteirar?

Sem dúvida os Colegiados são fundamentais para a Universidade. Eles podem ter um caráter corporativo, dependendo de como se elegem os representantes. Por outro lado, estamos descobrindo formas não-convencionais como o Grupo de Trabalho. Assim, você monta um grupo amplo de pessoas interessadas e dispostas a trabalhar, que equaciona as questões e depois as leva ao Colegiado. Isto tem aproximado vários setores para uma participação mais efetiva.

Canais Não-Convencionais

Juarez: Mas essas comissões não têm servido mais para esvaziar o movimento e empacar as soluções?

Silvia: O CEPE, por exemplo, está organizado em comissões permanentes. A exigência para que elas funcionem é estudar a fundo as questões. Mas há questões que precisam ser amadurecidas antes de entrar em pauta. Isto aconteceu com o setor de cursos de extensão e especialização, que precisava pensar nas novas perspectivas que estavam se abrindo. Montamos um grupo, com prazo determinado e que vai apresentar uma proposta de dinamização do setor. Assim, os grupos de trabalho são uma forma de envolver mais gente dentro de determinada problemática.

Wanderley: Outra forma não-convencional é o diálogo entre a Reitoria e os CAS, que é uma coisa nova.

Mas eu gostaria de passar para a questão da dinâmica universitária. A universidade foi pensada para quem pode passar 8 horas dentro dela, para quem não trabalha. Este é, por exemplo, o problema do Mestrado: como é que você manda o sujeito ler 100 páginas num fim-de-semana, tendo profissão, família, etc.? Por outro lado, uma nova dinâmica vai afetar até a configuração do campus.

Outra coisa. Para um Colegiado funcionar e a base aceitar as decisões, haveria necessidade de um novo sistema de informação. Além disso, as decisões dos Colegiados já vêm numa linguagem abstrusa, difícil de entender pelo estudante. Isto afeta também a necessida-



Chizzotti, Wanderley, Silvia Lane, Alípio

de de as informações chegarem de forma rápida e eficiente da base para os Colegiados.

Uma questão de fundo que vai exigir nossa criatividade pra valer é que mesmo nas Universidades que tiveram paridade nos órgãos superiores de decisão, a coisa não funcionou como a gente imagina. Há dois tipos de coisas a se tratar na Universidade: a função política e a função técnica. Há coisas como um concurso, carreira de magistério, sacais para um funcionário; o mesmo acontece para o professor a cerca de coisas da administração. Assim, creio que cada segmento deve ter alguns colegiados onde ele seja predominante porque diz mais respeito ou a estudantes, a funcionários ou a professores. Não é a paridade que garante a participação.

Chapeuzinho Vermelho

Jorge: Como diria Chapeuzinho Vermelho: "Pra que uma Reitoria tão grande?" (uns risos)

Guido: E pra te comer... (outros risos)

Wanderley: Não é uma novidade muito grande. A Reitoria anterior já tinha sentido necessidade de apelar para Vice-Reitores adjuntos. Acho que a Vice-Reitoria tem que traçar a política daquele setor e não ficar o dia inteiro despachando papelzinho. E nós estamos afogados em papel, papelinho e nota estampos. Estamos trabalhando sábado e domingo e já está todo mundo estourado.

Uma saída para esta questão crucial é a reforma administrativa da PUC. Enquanto uma encenquinha de dois faxineiros chega ao Reitor, não dá para governar uma Universidade com 20 mil pessoas. É preciso descentralizar, dar poder de decisão a diretorias de nível mais baixo, deixando à Reitoria decisões a nível das grandes políticas da Universidade.

Jorge: Como foi a passagem de informações que se pretendia entre a Reitoria anterior e vocês? O processo eleitoral se atrasou e parece que não deu tempo... Vocês já se sentem experientes o bastante para dispersar a contribuição daquele grupo?

Alípio: Pessoalmente tive ao todo umas 7 horas de reunião com o Marcos, de quem senti enorme disponibilidade. Foi muito bom sentir inteira confiança nas informações que ele me passava. Ele me informou os macetes, que é o mais difícil de perceber. Às vezes um detalhe

resolve ou emperra uma decisão, já que a vida desta universidade é muito mais complicada do que parece, mesmo para mim que me achava com experiência quanto a isso. Até hoje, quando aparece algum pepino eu ainda consulto o Marcos.

Silvia: Também tive algumas conversas mais gerais com o Severino que também foi muito disponível. Mas eu já tinha 8 anos de CEPE e 4 anos na direção do Centro e estava segura quanto aos temas mais amplos. Mas tive alguns sustos porque o que parecia problemático às vezes foram questões de vulto. Há também fatos que afogam a gente no cotidiano, como o caso do aluno de Pós que ficou contando durante uma hora a briga que ele teve no bar com a professora. Assim, se a gente tivesse um segundo escalão que assumisse o poder de decisão, nos aliviaria.

Wanderley: Por isso a gente definiu um princípio para a Reitoria: nós aqui vamos ser professoras e não burocratas.

Chizzotti: Para mim, houve problema em acelerar a função, mas depois de decidido, não me senti um estranho no ninho, já que tinha uma longa participação no CECOM. A diferença é que agora, além de informação e opinião sobre os problemas, eu precisava ter uma posição definida. Isto me obrigou a um estudo intensivo de inúmeras questões. A nível de decisão preciso de grande esforço para captar as diversas relações de problema. Além disso, capto o cotidiano da PUC, porque por necessidade e por ofício tenho que circular bastante pelo campus. Reitor?

Jorge: E a D^a Nadir deu alguns conselhos ao **Wanderley:** Tivemos reuniões, tratando dos contatos externos (CRUB, ABESC, etc) e, para aqui dentro, ela deu dicas de como continuar o que já haviam começado. É uma coisa interessante: a figura da autoridade é mitificada em nossa sociedade. Assim, as pessoas - inclusive os mais amigos - têm uma relação diferente com o Reitor.

Reitor É Gente

Jorge: Confesso que fiquei chocado vendo você sambar na festa dos calouros...

Wanderley: E sambando bem, né? Pois o Reitor também vive, bebe, dança. Continuo tentando ser eu mesmo. Tem gente que chega pra gente

a da Reitoria



COMUNIDADE PERGUNTA

CALOUROS - Por que na segunda semana de aula os alunos não tiveram aula? Por que não há uma comissão para mostrar aos alunos novos como funciona a universidade burocrática e fisicamente?

DEMOCRACIA: Como vai ficar o espaço dos alunos nas decisões tomadas na universidade, até que ponto teremos direitos? Quando e de que jeito se fará um conselho editorial do jornal PORANDUBAS? Como a Reitoria pretende implantar o Novo Estatuto? Sobre o slogan "Participe da Democracia da PUC": quando se apela muito para um lado é porque se pretende esconder o outro; o que está por trás dessa "democracia"?

ESPAÇO FÍSICO & CIA: Quando se pretende arrumar o Prédio Novo que parece ter sido abandonado há muito tempo? Que tal um "Som de FM" nos corredores ou pelo menos perto dos CAS? Que tal instituir um ponto de carona? Como se justifica e como foi tomada a decisão de expulsar da PUC pessoas que sempre a frequentaram embora sem um vínculo oficial com a universidade? E de que maneira se compatibiliza isso com a opção preferencial pelos pobres que inclui estes amplos setores marginalizados da população? Quando vai se dar um jeito nestes moleques que tomam conta de carro? A Reitoria acha legal a pixação nas salas, nos muros, etc.?

ACADÊMICAS: Está em curso uma política de descaracterização do 4º andar do P. Novo como centro de pesquisa do Pós Graduação ou do próprio Pós como instituição? Existe uma política de pesquisa para o Pós? Quais os planos da Reitoria para implementar o aperfeiçoamento dos professores da casa? Por que as datas de dispensa de matéria encavalam com o início das aulas, depois que o aluno já está há um mês fazendo o curso? Por que o curso de Língua e Literatura Inglesa da PUC não dá o título de intérprete para os formados já que a universidade tem capacidade para isso e é bem maior que a Ibero-Americana? Como o Reitor vê o fato da PUC, ao mesmo tempo em que favoreceu a pesquisa participante, ter eliminado os projetos de ajuda para pesquisa?

A PUC TÁ CARA: Por que o Reitor insiste em dizer para os alunos que a PUC continuará cara? E o que devemos esperar desta Reitoria? Gostaria de saber quais as mudanças nas Bolsas de Estudo restituíveis cujo prazo de carência mudou de 3 anos para 1 e como se explica isto, já que o Setor de Bolsas não explica nada? Por que as aulas de ginástica (obrigatórias durante 2 semestres) são pagas fora da taxa mensal? Quais as providências da Nova Reitoria? Porque as Bolsas de Estudo são restituíveis e não financiadas mesmo? para atenuar o aumento das mensalidades?

FUNCIONÁRIOS: Como fica a situação dos Mensageiros que estão na PUC há 3 ou 4 anos, realizam tarefas de Escriturário I, no tocante à sua ascensão no Plano de Cargos e Salários? Como e quando a Reitoria vai resolver a questão dos Cargos e Salários que afeta a todos os funcionários da PUC? Em concurso para professora de Português tirei nota 9,75, mas aqui na PUC, na mesma disciplina (concurso para escriturária) tirei 3,5; como pode ocorrer uma diferença tão grande e quais os critérios de seleção utilizados pelos concursos dentro da PUC?

CRIAÇÃO CULTURAL: Não poderia ocorrer a organização e o incentivo a feiras de arte, poesia, música, etc. na PUC? O apoio da Reitoria será fundamental para o florescimento de toda uma produção cultural engavetada e/ou arquivada em algum lugar do campus: em suas reuniões de trabalho e Reitoria chegou a discutir este problema e quais as maneiras encontradas para tentar resolver esta dificuldade?

tor), Sílvia Lane (Vice-Reitora Acadêmica), Carmelita Yasbeck (VRAC-adjunta), Alípio (io), Mariângela Belfiore (VRACOM-adjunta) e Fábio Ulhôa (Chefe de Gabinete). Do outro Rangel e Mário Sérgio Cortella (professores), Juarez Tadeu e Milton dos Santos (estudantes). em mãos da Reitoria, que promete responder.



e diz: "Puxa eu consegui falar com você por telefone!". Pois a pessoa fala, e vai dormir contente...

Outra coisa é que, mais que qualquer conselho, o que manda mesmo é a prática. Tudo o que a Dona Nadir falou eu aprendi, lá no meio da experiência.

Jorge: Wanderley, depois que virou Reitor, você esqueceu o povo?

Wanderley: Creio que se está pensando no povo quando se trabalha por uma Universidade com alto padrão de ensino, de pesquisa, que forme profissionais competentes e críticos capazes de participar do desenvolvimento e dos grandes problemas do país.

Agora, aquela parte mais dinâmica de serviços que eu fazia através dos Institutos, em minha e os contatos, participando de encontro e fazendo conferências. Quanto aos Institutos, procuramos melhorar seu espaço e tentamos caminhar para uma organização conjunta. Em terceiro lugar, estou fazendo contatos a nível mais abrangente, para concentrar os serviços em 3 ou 4 projetos interdisciplinares, que permitiriam um trabalho mais sistemático e uma avaliação mais permanente.

Para Que Servem os Centros?

Mário Sérgio: Como vocês estão vendo as eleições nos Centros? Não conflitam com a implementação do Novo Estatuto? E se forem eleitos diretores de lina diferente e até oposta à de vocês?

Lu: Juntando à pergunta. Você não acha que há uma insatisfação geral com o Novo Estatuto produzindo pela "constituinte interna"?

Edison: Já que se tocou no assunto: depois de uma campanha eleitoral "quente", como a Reitoria se sente em termos de apoio político?

Wanderley: Cada vez mais me convenço que política universitária não se confunde com política partidária, embora sejamos aprendizes das duas. Está mais ou menos claro que, se na campanha as coisas se aguçavam, após as eleições o que interessa é a PUC, levar adiante a Instituição. Por isso procuramos desmesticar a idéia de oposição convidando, por exemplo, o Marcos e o Severino para participarem diretamente do governo da PUC. Além disso, tive um contato pessoal com várias pessoas do outro grupo.

1 Vejo que a gente, e toda democracia, necessita de uma oposição. Mas que seja de alto nível universitário, acerca das perspectivas. Não estamos acostumados a isso, mas vamos fazer força para que aconteça.

Sílvia: Prova dessa unificação é, por exemplo, a participação ativa e de alto nível que tem havido nas recentes reuniões do CEPE.

Wanderley: Quanto à pergunta da Lu. Concordo que há uma insatisfação generalizada e até desconhecimento quanto ao Novo Estatuto. Vamos consultar de novo a comunidade para saber como fazer, se uma nova "constituinte interna", se outro tipo de discussão. Na questão dos Centros, nós os consultamos para saber se ainda são necessários. Surpresa: pelo menos os de Sorocaba e da Marquês de Paranaguá consideram o Centro fundamental. Também não teria sentido desativar os Centros sem saber se o Novo Estatuto vai passar no Ministério. Então tomamos uma posição interessante: se o Centro quiser ir-se desativando, que o faça.

Jorge: Mas isso já foi mencionado?
Wanderley: Não, está sendo mencionado agora. Se um Centro acha que não precisa existir, que não faça eleição, não é obrigatório. A gente tem até uma esperanzinha que este passo seja dado. Se alguém quiser fazer esta experiência, ótimo. Se o Centro é desnecessário, que acabe. Sabemos que o Centro tem um papel pequeno e que o pepino está é na Secretaria Setorial, que ainda precisamos encaminhar.

A unificação também se deu nas medidas que tomamos quanto ao espaço físico, que embora tenha encontrado focos de resistência, todo mundo gostou. Quanto às entidades, embora a AFAPUC nos olhe de cara feia, está havendo um diálogo fácil, capaz de encaminhar soluções.

Catacumbas da Administração

Mário: É verdade que o salário dos professores em janeiro quase atrasou?

Alípio: Fiquei muito chateado quando soube desse boato, porque não tinha o menor fundamento. Desde o dia 13 estava tudo assinado. Isso me cheira a brincadeira de mau-gosto.

Mário: Como está o controle da parte financeira? Li que o déficit está em 5 bilhões...

Alípio: O problema é que o computador está ainda nas contas de setembro/84. Sem um balanço completo, está difícil trabalhar o orçamento/85. A previsão para o ano passado era terminar com um déficit de 6 bi. mas algumas medidas diminuíram a cifra. Ainda não temos dados se foi isso mesmo.

O que talvez seja diferente de anos atrás é que nossa dívida está sob controle. O custo financeiro é muito alto mas ainda há margem para termos crédito bancário. O perigo é chegar num limite, imprevisível no atual ano político, em que se diminua nossa margem de crédito.

Mário: Sabemos que nesta Reitoria o cargo mais complicado de preencher foi de Vice-Reitor Administrativo. Finalmente, com Alípio, realizou-se o sonho de Platão: o filósofo administrando a cidade. Guido, como é um economista como você, trabalhando com um filósofo?

Guido: Apesar de o Alípio ser um filósofo, ele tem o pé no chão... Mas acontece que ele tem grande experiência de PUC, cem vezes mais que eu. Aqui não é uma empresa comum: ela tem problemas universitários específicos, além de pretender uma gestão democrática. O Alípio é muito versado nessas áreas.

Juarez: O que é a "administração aberta" que vocês pretendem? Como vão tratar dos aumentos? É verdade que foi alterado o prazo de carência para as bolsas restituíveis?

Edison: Acrescentando. Esta Reforma Administrativa vai mexer nas "catacumbas" da administração?

Alípio: Quanto aos reajustes, estão sendo negociados. O CAF, embora com resistências iniciais, deu sugestões e indicações, que estamos analisando na Reitoria.

Ghizzotti: Quanto às bolsas, têm sofrido uma demanda recente. Daí a necessidade de novos recursos, que estão sendo levantados por um

grupo de trabalho. Já surgiram propostas criativas: esta Vice-Reitoria está aceitando sugestões, pelo ramal 229, por escrito.

Acerca da restituição, ela pode ser negociada caso haja situações graves.

Alípio: O Guido ficou mais dedicado à obtenção de novas fontes, através de contatos na área externa. Já foram conseguidas coisas boas, como o reajuste de verbas na Secretaria da Educação, no MEC, junto ao FAS, acerca do seguro do TUCA (eles queriam pagar 80 milhões e conseguimos o dobro). Os problemas de administração interna ficaram comigo.

Sobre as "catacumbas". Alguns fantasmas se dissiparam, mas outros coisas que pareciam angelicais, mostraram-se graves. Há detalhes que deixamos passar neste começo, mas que estamos acompanhando. A Reitoria nova atrai grande volume de informação, todo mundo tem um podre para denunciar. Mas muitas coisas não são tão podres como se tem imagem.

Guido: A Administração da PUC é uma máquina velha, enferrujada, cheia de teias de aranha, uma série de vícios. Necessita de uma modernização, de um tratamento global. Temos dificuldade de obter informações econômicas, não temos fluxo diário de caixa, mas estamos exigindo que isto comece ainda nesta semana, já que é obrigação do setor fornecer este fluxo.

Além disso, estamos formando uma comissão de alto nível que até o fim deste ano vai radiografar os vários pontos de estrangulamento, onde a coisa pega. A partir dos resultados vamos fazer uma discussão o mais aberta possível para se implantar esta reforma administrativa e contábil, usando inclusive mais computadores.

Nota para os Professores?

Edison: E como é a avaliação da máquina acadêmica, do que acontece nas salas de aula que vocês pretendem?

Sílvia: Isso está muito ligado à modernização administrativa. Nossas normas contratuais eram meramente econômicas. Então como repensar as normas sem pensar o desempenho cotidiano? Mal ou bem, os concursos avaliam a produção científica do docente. Mas as aulas não são avaliadas: o professor que cumpre sua obrigação leva a fama de colegas que não aparecem, chegam 2 horas atrasados e ainda saem meia-hora mais cedo. Os funcionários sabem que não acontece nada com o professor que não aparece. Assim, as metas deste ano são, de um lado novas normas contratuais e também formas de avaliação do cotidiano. Cada setor vai mandar suas sugestões de como gostaria de ser controlado.

Jorge: Mas este auto-controle não pode ser muito complacente?

Sílvia: Os Departamentos, o corpo docente vai discutir em conjunto e acabar encontrando a forma adequada de controle.

Jorge: E os estudantes, principais clientes, como ficam nisso?

Sílvia: Queremos que os estudantes participem. Para mim, o principal avaliador do professor é o estudante, que até hoje é meio tímido para avaliar, tem medo de se comprometer. Espero que haja clima de diálogo.

Carmelita: Pretendemos levantar uma reflexão sobre o significado da docência. Lançar uma discussão abstrata não dá ressonância. Contudo, não dá para continuar sem normas.

Ghizzotti: Esta avaliação da docência não é uma coisa privada, mas interessa aos alunos, aos professores e também aos funcionários, que exigem uma relação mais segura de trabalho.

Sílvia: O que o funcionário ouve dos alunos quando a ata de notas não foi entregue no prazo, não tem tamanho. O que fazer com um professor desses?

Juarez: Isso é preciso para saber como é aula pela qual os estudantes pagam tanto.

Sílvia: Quero que todo mundo apresente sugestões porque o professor não existe sozinho aqui dentro. Todos os debates dos Colegiados e das entidades confluem para que ao final o CONSUN decida. Tudo deve começar na sala de aula. Qualquer grupo, por pequeno que seja, que estiver disposto a contribuir, tem direito de encaminhar sua sugestão aos colegiados, que é nosso canal institucional.



Fundo do Poço?

Eleições da APROPUC marcadas para dezembro (ano passado). "Nenhuma chapa se inscreveu!" Foi um grande escândalo para a nossa democracia puquiana", define a profa. Stella Graciani. Mas a desagradável surpresa já podia ser prevista durante o ano várias assembleias esvaziadas e a diretoria, inicialmente composta por 16 pessoas, reduzida a apenas duas. A Valéria e o Paulo, funcionários da entidade, sempre firmes em seu posto dizendo: "Assim que alguém da diretoria passar eu dou o recado". No "alguém" leia-se Hélio Deliberador ou Sílvia Borelli.

O que está acontecendo numa das mais respeitadas associações de professores do país? A APROPUC possui grande credibilidade, construída sobre uma eficiente atuação no movimento trabalhista, sobre propostas inovadoras para a universidade brasileira e no enfrentamento político com o regime autoritário em momentos de grande dificuldade para a Sociedade Civil.

PORANDUBAS entrevistou 3 professores sobre o assunto: a Stella e Hélio já citados e mais o Sérgio Luna, um dos fundadores da APROPUC e seu primeiro presidente (77-78).

BAIXA PARTICIPAÇÃO

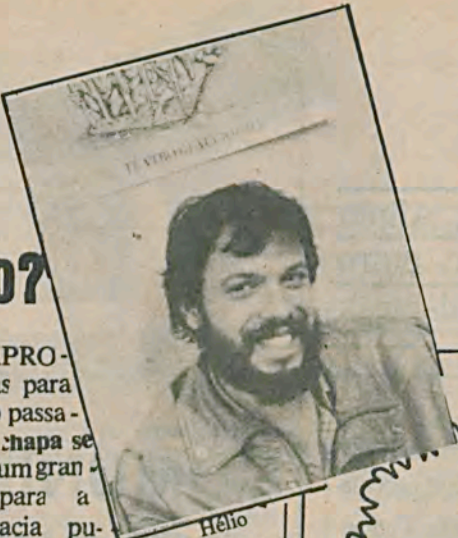
Para Sérgio Luna "esta pasmaceira não é nova: do meu tempo, sei dizer o nome das pessoas com disponibilidade para o trabalho na entidade. Fora dos momentos de crise (invasão da PUC, atrasos de salário, etc.) quando a participação aumenta muito, a Associação é assumida por um pequeno grupo de professores, nem sempre da diretoria; isto é parte integrante da APROPUC".

Hélio coloca mais algumas razões: "Muitos dirigentes foram para os partidos políticos ou governo estadual e não surgiram pessoas em número suficiente para substituí-los. Some-se a isto que muitos professores atuantes viram-se obrigados a encaminhar seus projetos de titulação, único meio de que dispomos para melhorar nossas condições salariais". Stella arremata: "o docente virou um bóia-fria urbano, que precisa complementar seu salário mendigando assessorias em órgãos públicos e particulares". Mas, antes disso, ela acha que a legitimidade da APROPUC talvez tenha sido perdida "por personalismos exagerados, descambando às vezes para o autoritarismo e pela falta de um projeto mais contestador a nível da totalidade da sociedade e não apenas a nível da universidade".

PROBLEMA DA PUC

Tanto Hélio como Sérgio acham que o problema da representação é de toda a PUC. "Nos colegiados, departamentos, faculdades, os candidatos são pegos a laço e aceitam o cargo como uma tarefa ingrata a ser cumprida; nesta situação acabam não tendo muito compromisso com o corpo de professores e representam a si próprios. Além disso, aceitar uma vez obriga a pessoa a assumir novas funções, uma atrás da outra, sobregarregando-se: ela acaba sendo punida por fazer..." - nos afirmou Sérgio. Na

NOSSA REPÚBLICA



Hélio

Na "República Utópica da Monte Alegre, Paranaguá e Sorocaba", todos se fazem representar.

Como vai a saúde de nossas entidades?



APROPUC se repete a forma de indicação: "as pessoas assumem porque alguém tem que assumir; alguém vai à assembleia, abre a boca, pronto! Isto leva a uma prática que desvincula a representação do restante dos professores" - comenta Hélio.

CULPA DO BÁSICO?

"É sempre o mesmo grupo." Assim alguns setores criticam a grande presença dos professores do Ciclo Básico na direção da APROPUC. Seria esta uma das causas do afastamento dos demais?

Embora reconheça que esta visão existe Hélio e repele: "acho um equívoco, pois a nossa participação é enquanto profissionais independentemente da unidade acadêmica; isso serve para justificar a não participação e o fato de não se assumirem as divergências que existem e que deveriam se expressar na entidade". Segundo Sérgio todas as diretorias da associação ou eram formadas por pessoas do Básico ou trazidas por elas mais isto, porque este setor sempre teve maior número de professores dispostos a se engajarem no trabalho: "Ao invés de criticar devia-se agradecer a este grupo garantiu a existência de uma associação que tem desempenhado um papel muito importante; o Básico não tem que pedir desculpas a ninguém por estar à frente da entidade, pelo contrário".

O MAIOR PERIGO

"A APROPUC não pode ficar atrelada à Universidade ou substituí-la em algumas funções, por mais pontos de convergência que existam entre ela e a Reitoria. Ela corre este risco desde sua fundação; em alguns momentos da Constituinte (elaboração dos Novos Estatutos) não entendi as posições e a atuação da entidade; ela deveria ter ficado numa posição vigilância que é o seu papel, sem tentar substituir os Colegiados ou a representação discente neles" - pondera Sérgio Luna.

Hélio acha que esta cooptação abrangem todos os professores: "a PUC se organizou melhor administrativamente, o atraso dos salários é sempre e de 10 e o pessoal já incorporou isto. Há um certo descrédito quanto às possibilidades de avanços no aspecto trabalhista e um

receio de que uma participação mais intensa destrua a PUC. Esta cooptação das pessoas tem seu lado positivo, já que a PUC é um espaço que permite a participação e a transformação da realidade, mas, por outro, limita a atuação. Ficamos de sempre reclamando, se movendo e se desgastando, o que reforça um certa irresponsabilidade coletiva com relação à entidade, como se a diretoria sozinha garantisse a sua existência".

Sejam quais forem as razões da crise, Stella explicita a grande preocupação: "a APROPUC conhece agora um recuo no vácuo, não tem projeto nem perspectiva; não é um recuo deliberado, isto é o mais grave".

Mas como seria este projeto da APROPUC? Sérgio acha que ele não existe pois "o projeto teria que ser dos professores e não de uma diretoria e a gente não consegue ver o projeto dos docentes: qual é a deles?"

APROPUC 85

Apesar do cansaço, a atual diretoria (ou os moicanos restantes) enviou a todos os associados uma carta, solicitando artigos sobre a entidade e os rumos que ela deve tomar, para posterior publicação e discussão.

Hélio espera que o novo processo eleitoral, previsto para o final de abril (o mandato da atual diretoria foi prorrogado até 1º de maio) desencadeie a discussão sobre a identidade da entidade.

Apesar dos problemas sérios, é sempre bom lembrar, que a APROPUC possui uma boa infra-estrutura ante de pessoal como financeira, com uma arrecadação mensal por volta dos Cr\$ 4 milhões (gastos fixos de 3 milhões) que tem permitido engordar um pé-de-meia na poupança além de um espaço político de atual Civil. O que está faltando é gente disposta a enfrentar o tranco de representar os professores da PUC, a não ser que estes precisem deixar tudo como está e fechar a APROPUC, ou, quem sabe, doá-la à ANDES, que atualmente recebe apenas uma contribuição dela da ordem de 680 mil mensais.



Novos Ventos



Rocha

Fomos conversar com José Rocha Cunha, novo presidente da Associação dos Funcionários. "Queremos mudar a mentalidade dos funcionários frente à AFAPUC. Esta deve ser

um canal de aglutinação, já que há coisas que para serem conquistadas só dependem da união dos funcionários", defende Rocha.

A nova diretoria já começou a fazer mudanças. Criou o boletim e pretende re-editar o jornal "Seara" num esquema mais profissional (e até com patrocínio). Além disso, alterou (para mais) o salário da turma da secretaria da AFAPUC. Tem mais: vão criar novas formas (bingos, bazares, etc) de levantamento de recursos. Quanto aos Departamentos, mantiveram-se o de Imprensa, Esportes e Assistência e Benefícios. Foram desmobilizados os departamentos de "Cargos e Salários", "Sindical" e "Cultural", já que estes "são problemas de todos os funcionários e da Diretoria". Na área de Esportes, pretende-se dar melhor condição de uso à sala de jogos e também promover outros tipos de esportes, além do futebol de salão que já existe. Na área de Benefícios, pretende-se manter o que já existia: empréstimos, central de compras e farmácia.

CONSELHO DE REPRESENTANTES

Rocha defende maior iniciativa e participação dos funcionários na sua Associação. Assim, a Diretoria se torna mais visível, dando plantões, além de propor um Conselho de Representantes que "discutirá e até tomará decisões imediatas sobre os problemas de cada setor funcional. Será necessário fazer o Estatuto desse Conselho, que será deliberado em Assembleia", informa Rocha. Ele acredita que desta forma haverá menor necessidade de Assembleias do que atualmente.

Ao abrir-se a estrutura da AFAPUC, os próprios funcionários poderão definir seu lugar na Universidade e na realidade político-social: "a Diretoria não quer impor uma posição geral. Caberá aos funcionários defini-la", compromete-se Rocha. Para facilitar a participação de Sorocaba, haverá uma sala, onde o Milton (Hosp. Sta. Lucinda) coordenará o atendimento.

REIVINDICAÇÕES

Dia 12/3 a Associação já fez uma assembleia. Decidiu-se que o percentual de reajuste a ser negociado será de 20% de reposição além dos 81% de lei para quem recebe até 5 salários; 10% de reposição para os que recebem 7 salários (além do reajuste). Também se pretende que o reajuste passe a ser trimestral. Isso tudo vai ser tratado por uma comissão de negociação de reajuste frente à Reitoria.

A assembleia ainda aprovou a manutenção do contrato de trabalho existente, acrescido de outros itens como: jornada semanal de 40 horas, vales até 40% do salário, salário igual para função igual, mais de uma bolsa para quem faz mais de um curso de graduação, discussão do uso do TUCÁ.

Animado, Rocha informa que desde que assumiu já houve 40 propostas de filiação e ninguém se desligou da AFAPUC. E convida: quem quiser associar-se, basta duas fotos 3 x 4 e preencher formulário. Interessados procurem ramal 208.

DCE:

"Vão" no DCE ou DCE em vão?



Renato e Edu

1985 já começou há algum tempo. Como vão as coisas pelo lado dos estudantes? Nos Cas só vai dar para saber depois que passar a fase das benditas carteirinhas de passe e as diretorias tiverem tempo de pensar na representação política dos estudantes.

O DCE-livre da PUC? Seu espaço físico "dançou" com o incêndio do TUCA e consequente interdição do Salão Beta. A diretoria eleita ano passado (Chapa Vão) propunha a autogestão e assim dissolveu-se no momento da posse e proclamou: "O DCE somos todos nós!" Será que esqueceram de avisar o nós?

Vejam a opinião (pessoal) de alguns diretores de CAs e membros da Vão.

LILI (CALS)

"É necessário repensar o DCE e para que ele serve pois a atuação política dentro dele tem se resumido a uma briga de tendências. A auto-gestão é válida, mas não como é na PUC onde ela significa gestão do CACs. No CA temos diretoria e isto não impede a participação de ninguém. O DCE, agora, não tem espaço físico nem diretoria. Eu prefiro trabalhar a nível da minha entidade do que entrar nessa".

PEDRO (CA PSICO)

"Não existe DCE; neste ano ninguém ouviu falar disso. Não apoiei a Vão pois dava para sacar que ela queria instalar o caos e abandonar tudo. Mas foram eleitos e isto tem que ser levado em conta. Não sei qual a instância para discutir esta questão e no CCA (Conselho de Centros Acadêmicos) ela não tem aparecido. Qualquer atitude, como uma nova eleição por ex., só pode ser tomada num processo amplo, por todos os alunos não pelos CAs. O DCE é uma entidade que dá um sentido maior, referente à Universidade como um todo, comum a todos os alunos da PUC; os CAs não tem condições de substituí-lo nesta função. Alguma coisa terá que ser feita".

CHAPA VÃO

Renato: "O DCE participou ativamente da Semana de Calouros", conjunto com o CACs, o

CA Leão XIII e o CA 22 de Agosto. Auto-gestão é uma coisa em que ninguém assume nada, quem tem vontade vai e faz. Agora, em primeiro lugar, precisamos de uma sala: o Chizzotti (Vice Reitor Comunitário) diz que não tem espaço, mas para a CUBs estão arranjando... Há um grupo de alunos pensando em invadir alguma sala aí, pois ele fala que vai estudar mas não resolve o problema. Sem sala o pessoal não tem referência de onde se encontrar e a auto-gestão não consegue funcionar".

Walter: "Não queremos o rótulo de diretores, mas todos nós da chapa, mais outras pessoas que estão se aproximando, estamos trabalhando e levando a proposta do DCE. Há limitações, além de boicotes de alguns grupos e pessoas. Mas também tem gente que estava contra e que quer levar um trabalho conjunto agora. Tudo bem!"

Ari: "Queremos mudar de linguagem, tirar o Movimento Estudantil dos jargões de 'Revolução Amanhã': discursos vazios que refletem uma prática vazia. A linguagem mais crítica e criativa que utilizamos dá mais resultados e aproxima as pessoas da entidade".

Walter: "Minha pretensão é criar um movimento de pessoas que têm interesses e necessidades e querem se unir para fazer alguma coisa, não me limito ao ME. Se o movimento extrapolar a universidade, melhor".

MARCELO (CA 22 DE AGOSTO)

"O pessoal da Vão tem pique de trabalho, mas ainda não entendi como vai funcionar a auto-gestão no DCE, porque são muitos alunos na Universidade. O DCE, de fato, está inexistindo por não se saber onde e quem procurar. Além disso há a falta de credibilidade herdada das gestões anteriores. O DCE tem uma função própria, diferente dos CAs e CCA, e a situação atual é preocupante. É necessário conseguir uma sede e ver se alguém assume ou não a entidade. Se ninguém se responsabilizar a gente tem que fazer alguma coisa: nova eleição, ou...sei lá".

CURTINAS

TESES

- 1/3 - "Sobre o ensino de geografia na escola de 1º grau: Uma contribuição a formação de professores de 5a. à 8a. série", de Maria Cristina Calixto em F. Educação. Orientou - Maria L. Ribeiro.
4/3 - "Em busca de uma praxis - A investigação diagnóstica em Serviço Social", de Maria José T. Peixoto, em Serv. Social. Orientou - Suzana Medeiros.
7/3 - "Estudo da percepção visual das diferenças em crianças pré-escolares de 3 a 7 anos incompletos de ambos os sexos e de diferentes níveis sócio econômicos", de Eliane Sirota, em Psico Clínica. Orientou: Lucia B. Keller.
8/3 - "Discurso sobre sexualidade - Um estudo exploratório", de Neide B. Saisi, em Psico Educação. Orientou: José Roberto Malufe.
8/3 - "A adaptação Hutt do teste gestáltico de Bender: Um estudo da aplicabilidade com universi-

CURTINHAS

- 1- **COLAÇÃO DE GRAU:** com o incêndio do TUCA (remember?) talvez sua turma encontre dificuldades em achar local para colar grau. O Parque Anhembi manda avisar que tem 3 auditórios de tamanhos variáveis. Interessados, procurem pelo tel. 267-2122, com Eldson Dezen.
2- **ALMOXARIFADO:** durante as férias a chuva invadiu os CAs de Psico e de Serviço social, transbordando para o Almojarifado, no andar de baixo. Agora estão apelidando o setor de "ensopadinho".
3- **COMISSÃO VESTIBULAR:** Novo nome na Comissão Vestibular. em lugar do prof. Holiem Bezerra (que continua suas aulas de História, no Pós e na Graduação, com a competência de sempre), entra jornalista Maurício Gonçalves. é a primeira vez que um funcionário faz parte da Comissão Vestibular, assunto que Maurício conhece como poucos.
4- **CONHEÇA O SEU CURSO:** tenha todas as informações para você chegar ao final do seu curso, sem grandes sustos. Adquirir na Contadoria por Cr\$ 2 mil o seu "catálogo da Graduação 84-85".
5- **PROF. ALÍPIO,** Vice-Reitor Administrativo vai aos EUA, a convite de universidade de lá, para conhecer os seus sistemas de administração universitária. Bom provelto e boa viagem.
6- **POSTO METEOROLÓGICO:** Prof. Wilma Campana, chefe Depto. Geografia, vem com pique total. Informa que o Min Agricultura doou à PUC um posto meteorológico. Por que não foi instalado ainda? e que o documento ainda está viajando em fiordes burocráticos. Geografia é isso?

FESTA AOS CALOUROS

Dia 8 de março foi realizada a festa de boas-vindas aos novos estudantes da PUC, novos jovens que passarão a conviver nesta comunidade, os calouros.

A festa foi uma clara demonstração de que a PUC é uma universidade onde há os mais diversos tipos de pessoas e que ela aceita e apóia a diferença de comportamento ou idéias. Isso porque sua preocupação é a valorização do homem, a formação deste quanto à idéia e posições assumidas na vida.

Todo este espírito democrático transpareceu na simples seleção das músicas. Samba, forró, New Wave e rock. Tudo numa mesma noite, para um mesmo grupo que não parava de dançar, sempre animado e que jamais vaiou qualquer momento. Nem mesmo quando o disco, tocando New Wave, pulava. O pessoal só estranhava um pouco a falha técnica, mas seguia em frente dançando e se divertindo.

Alguns chegaram após as aulas da noite, outros esperavam no barzinho em frente, outros esperavam pelos corredores. Estes, talvez, sendo os que não gostam de todo tipo de música, principalmente de popular. Mas, estudando na PUC, provavelmente, um dia, mudarão de idéia: pois uma veterana confirmou serem todas as festas da PUC assim: uma mistura democrática.

E já que com música o negócio é se deixar envolver, por que não aplaudir uma festa como esta: baile ao ar livre, sombreado por coqueiros e coberto por lindas nuvens. Quer teto mais original?

Cristina Giglio - Inglês-Básico

XEROX PIFOU

A questão dos xerox clandestinos da PUC, os quais, inclusive, colocam o Prédio Velho em risco de incêndio, ainda não está resolvida. A Vice-Reitoria Comunitária pretendia resolver a questão junto aos CAs este início de ano. Ocorre que é na locação do espaço das entidades para os "tubarões do xerox", que as suas diretorias conseguem alguma grana (depois que

aboliram e meia-entrada no cinema e consequentemente as carteirinhas de estudante). Já o que elas fazem com a grana, cabe às bases cobrar prestação de contas. A proposta da Reitoria adiada a pedido dos CAs - era de unificar os serviços de xerox, então administrados pela PUC, mas com repasse para as entidades. O que foi assegurado é que no 2º semestre não haverá

mais "clandestinos". Uma comissão do Cons. Comunitário está estudando a questão devendo apresentar conclusões até maio. (É bom estudar também a situação dos operadores das máquinas, que é de verdadeira escravidão). Ah! As "clandestinas" trabalharam todo vapor durante as férias (para fora, portanto) e jamais pagaram gastos de luz à PUC.

- tários brasileiros", de Claudete Ribeiro, em Psico Clínica. orientou: Lucia B. Keller.
12/3 - "Efeitos de um programa de atividades de conhecimento físico em crianças com pouca estimulação: Um enfoque piagetiano", de Antonio W. Pagotti, em Psico. Social. Orientou: Maria Regina Maluf.
13/3 - "A política de habitação popular e suas repercussões em Natal - Uma perspectiva histórica", de Maria Lucia da Fonseca, em Serviço Social. Orientou: Miriam Veras Baptista.
15/3 - "Revelando a dimensão educadora do professor de enfermagem" de Maria Celia de Santi, em Psico Educação. Orientou - Ana Saul.
18/3 - "O ensino aprendizagem do inglês com abordagem instrumental na área de jornalismo", de Gilma Limongi Batista, em LAEL. Orientou: Anthony Dyes.
27/3 - "Inglês para a escola técnica federal - proposta de ensino centrado em leitura", de Esther Trew, em LAEL. Orienta: Anthony Dyes.
28/3 14h "Existência fascinada", de Dulce Mara Critelli, em Psico Educação Orienta: Joel Martins.
29/3 14h "Uma proposta de atuação do orientador educacional na escola pública", de Selma Garrido Pimenta, em Educação. Orienta Bernadete Galti.

BENVINDOS À VIDA 1984

- 24/9 - **Leonardo,** filho de Geraldo Müller (FEA)
25/9 - **Edilson,** filho de Edilson e Bernadete M. de Lira (aluna de L.L.P.)
6/10 - **Bernardo,** filho de Edson Passetti e Dorothea Passetti (C.S.)
6/10 - **Leandro,** filho de Leslie P. Ferreira (DERDIC)
10/10 - **Rafael,** filho de Marina Graziela Feldmann (C.E.)
8/11 - **Camilla,** filha de Tania M. Freitas Ciberi (SEGRAC)
19/11 - **Maisl,** filha de José Ramos da Silva (Lipeza)
30/11 - **Vanessa,** filha de Raimundo Amaro Ribeiro (Lipeza)
30/11 - **Carmen Lígia,** filha de Nelson Nery Jr. (Direito)
6/12 - **Thiago,** filho de Maria Rosa Oliveira Sekiguchi (C.E.)
14/12 - **Marco Antonio,** filho de Marco Antonio David (Direito)
14/12 - **Flávia Maria,** filha de Renato Rua (Direito)
21/12 - **Ana Carolina,** filha de Noely Weffort (C.E.)
22/12 - **Jacqueline,** filha de Josemir José da Ilva (Vigia)
25/12 - **Júlia,** filha de Marcos Eugenio da Silva (FEA)
2/1 - **Renata Cristina,** filha de Alice L. Michel (DERDIC)
5/1 - **Paula Heloísa,** filha de Sueli C.P. Simardi (C.Fil.)
14/1 - **Max Emilliano,** filho de Magnus Amaral da Costa (FEA)
24/1 - **Milena e Gabriel,** filhos de Alice Ma. Novelle (Psico)
30/1 - **André,** filho de Laurindo Leal Fo. (C.S.) e Sandra Alves (Psico)
6/2 - **André,** filho de Benedito Carvalho e Maria Célia Carvalho (URPLAN)
15/2 - **Daniela,** filha de Maria Gonçalves Rodrigues (Lipeza)
27/2 - **Luiz Fernando,** filho de Márcia e Luiz Carlos Santana (Audio Visual)
28/2 - **Denise,** filha de Mary Carmem O. Melo (Protocolo)
1/3 - **Estevão,** filho de Modesto Florenzano (C.S.)